

Lamon Fernandes de Siqueira

Hipólito José da Costa e a Maçonaria no mundo luso-brasileiro.

Monografia de Bacharelado.

Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais.
Departamento de História.

Mariana, 20 de junho de 2008.

Lamon Fernandes de Siqueira

Hipólito José da Costa e a Maçonaria no mundo luso-brasileiro.

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História. Bacharelado.
Orientador: Valdei Lopes de Araújo.

Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais.
Departamento de História.

Mariana, 20 de junho de 2008.

Agradecimentos:

Agradeço aos meus pais, à Lauren e ao Leo pelo carinho e amor.

Agradeço ao meu orientador Valdei Lopes de Araújo pela dedicação.

Agradeço a Lídia pelo amor e pela ternurinha.

Agradeço a amizade do Queijão, e da República Zona, em especial: Ju, Shamam, Pablo, Wil, Erick, Si, Rodrigo, Pedrão, Ana, Pri, Bel, Luana, e Etelvino.

Agradeço a amizade dos trutas: Tati, Zangado, Su e Truta.

Agradeço também aos mestres das moitas, especialmente, os senhores Botocudos, e a inestimável dupla de Paulinhos, Teteco e Coiote.

Por fim, agradeço aos amiguinhos que participaram dessa grande experiência.

Resumo:

A esfera pública civil no Brasil foi constituída paralelamente ao processo de Independência, especificamente, com a contribuição de uma imprensa recém inaugurada, e das lojas maçônicas, importantes espaços de sociabilidades que incorporaram o espírito das luzes. Hipólito José da Costa, homem consciente do seu tempo, teve uma participação grandiosa nesse processo, pois se destacou tanto como importante maçom, quanto como editor do mensário “*Correio Braziliense*”.

Este trabalho visa analisar o discurso maçônico transmitido nas obras de Hipólito José da Costa, evidenciando como as virtudes maçônicas foram transmitidas a um público letrado no Brasil. Concomitantemente busco refletir sobre a contribuição da Maçonaria para a constituição de uma esfera pública civil, ainda em constituição no Brasil pré-independente.

Abstract:

The brasilian civil public range was constituted parallel to the process of independence, specifically as a contributio of a recent inaugurated press, and the freemasonry lodge important places of sociability which incorporated the enlightenent spirit Hipólito José da Costa, a consciousness man at his time, had a great participation in this process because he was a proment freemasonry member and as a monthly publisher of brasilian “*Correio Braziliense*”.

This work aim to analyse the freemasonry discourse passed on along Hipólito José da /costa works, evidencing how freemasonry virtues were transmitted to a learned and litzed public concomitantly intends to reflect about the freemasonry contiuiton to the ciil public range constitution, yet as a constitution of Brazil previous independence.

Sumário

Introdução.....	6.
Capítulo 1: Hipólito José da Costa e o reformismo luso-americano.....	11.
Capítulo 2: A maçonaria como instituição da esfera pública.....	22.
Capítulo 3: A Maçonaria em Hipólito José da Costa.....	28.
Considerações Finais.....	49.
Fontes.....	51.
Bibliografia.....	52.

Introdução.

Entre os anos de 1808 e 1822 Hipólito José da Costa se dedicou a editar o *Correio Braziliense*, um jornal mensal destinado a um público letrado que residia no Brasil. Nesse período de tempo, Hipólito exerceu um ofício que se confundiu entre a prática do jornalismo e a prática intelectual. Ele não apenas noticiava os eventos que emergiam no mundo ocidental, mas também opinava de forma crítica sobre os acontecimentos que circulavam sua realidade. Hipólito - homem privilegiado e com formação exemplar na Universidade de Coimbra - editou seu jornal não em terras Luso-Brasileiras, mas o fez da distante cidade de Londres. A importância do *Correio* pode ser medida, a priori, por duas características fundamentais: pelo pioneirismo na imprensa, recém chegada no Brasil, e pelo olhar externo que observou o processo da Independência.

Porém, para além dessas primeiras impressões sobre Hipólito José da Costa e seus escritos, podemos mensurar a importância de sua pessoa e obra também em outra esfera, na qual se destaca a contribuição para a formação de um espaço público civil no Brasil. Hipólito, homem esclarecido em seu tempo e altamente informado sobre a política de seu mundo, estava também inserido na Maçonaria, uma forma de sociabilidade que abarcou a Europa e a América. A Maçonaria, assim como a imprensa, foi outra dimensão da vida de Hipólito, a qual ele também se dedicou, de forma tão intensa quanto à edição do jornal.

A militância pró-maçônica no *Correio Braziliense* foi feita de forma aberta. Nas páginas do jornal, Hipólito deixou clara a defesa da instituição da Maçonaria, assim como também das virtudes maçônicas. As virtudes maçônicas compunham

um corpo elementar de princípios da Sociedade dos Pedreiros Livres, e se comportavam como um sistema conceitual que dava sentido tanto de existência e finalidade, quanto de prática para os maçons.

Para melhor compreender a maçonaria e sua concepção política no contexto do Antigo Regime Luso-Brasileiro é necessário o entendimento do paradigma político-cultural no qual ela estava inserida. Assim, para a definição do paradigma absolutista português nosso trabalho se orienta pelas reflexões de Antônio Manuel Hespanha e Ângela Barreto Xavier, ao abordar o vocabulário e estrutura político-social que compunha o período entre 1750 a 1820. Isto é, segundo Hespanha, uma reflexão sobre: *“os modelos mentais com que essa sociedade se compreendeu a si mesma e a partir dos quais grupos distintos traçavam as suas estratégias políticas”*¹.

A Maçonaria moderna surge no contexto do Antigo Regime, ao passo que a gradativa centralização do poder não apenas permitiu, como também criou condições para a ascensão do Iluminismo na Europa. O Iluminismo formou um espaço que permeou o Estado e a vida pública, conforme demonstra Habermas. É nesse referido espaço, denominado Esfera Pública, que os trabalhos maçônicos propagaram-se, apesar da sociedade maçônica ter por constituição o secreto, estando assim inserida na esfera privada e formada por homens privados. A maçonaria permitiu que no seio do Antigo Regime, *“pessoas privadas se reúnam em um esfera pública antecipada em segredo, uma esfera pública antecipada ainda grandemente com a exclusão da publicidade”*².

¹ Antônio Manuel HESPANHA. **A representação da sociedade e do Poder**. In. Arquitetura dos Poderes. Lisboa. 198?. Pág. 121.

² Jürgen HABERMAS. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1984. Pág. 50.

As análises dos conceitos e da compreensão da cultura política revolucionária, fruto direto do Iluminismo, e sua concomitante compreensão moral, serão buscadas na investigação e reflexão de Koselleck, quando o referido autor utilizou da categoria analítica de ação política indireta vinculada especialmente a ação esotérica maçônica. Koselleck, em sua análise do contexto europeu que antecipou a Revolução Francesa, analisou o processo que transformou a intelectualidade burguesa, “inaugurando o tempo moderno”³. Assim, estabeleceu a conexão entre a nova burguesia intelectualizada e a crise do Absolutismo, uma crise que começou no seio das monarquias européias e estendeu-se a todo o mundo ocidental.

Assim, essa análise busca compreender as tendências ideológicas, seus propósitos, sua linguagem e seu significado, e perceber com isso, as diferenças da cultura em que estava inserido o autor político imerso na tradição maçônica. Para tal, a reflexão sobre as linguagens do ideário político será orientada pelos estudos de Jonh G. Pocock.

O ideário maçônico transmitido em publicações que permearam o período do processo de Independência possui uma linguagem “dupla”, transmitindo uma mensagem para um público leitor aberto e, ao mesmo tempo, uma mensagem hermética para um público restrito aos iniciados⁴. Isto é, a ambigüidade presente nas fontes é de caráter dialético, pois se de um lado esse discurso político atinge um público amplo, e socialmente abrangente, por outro atinge também um público privado, circunscrito culturalmente e socialmente elitizado. Nesse sentido, Pocock

³ Reinhart KOSELLECK. **Crítica e crise. uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Tradução Luciana Villas – Boas Castelo – Branco. Rio de Janeiro. Editora UERJ – Contraponto, 1999. Pág. 12

⁴ Jonh Greville Agard POCOCK. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo. Edusp, 2003. Pág. 52.

afirmou que a “escrita secreta” expõe o texto a leitores que irão interpretá-lo a partir de pontos de referências diferentes do autor, e, segundo suas palavras:

O ato da publicação, no sentido normal de “tornar público”, representa um abandono da tentativa de determinar quem esses leitores devem ser, ao mesmo tempo em que tenta maximizar o número de leitores sobre os quais nossos escritos devem atuar⁵.

O ideário político maçom utilizou da imprensa para atingir um público maior, e concomitantemente, propôs uma nova abordagem da esfera pública brasileira ao reivindicar um poder independente do Estado e da religião para guiar a sociedade. Esse poder era embasado no domínio moral da opinião pública, um poder separado e autônomo das estruturas do governo.

A repercussão no mundo luso-brasileiro das ações revolucionárias na independência das Treze Colônias e na Revolução Francesa será abordada através do trabalho de Luiz Carlos Villalta. O autor afirma que “*ambas revoluções tiveram como grande motivação a efervescência intelectual que nascera no velho mundo, sendo que a Ilustração é a marca maior no semblante dessas revoluções*”⁶. Nesse contexto luso-brasileiro, a ilustração havia chegado ao governo lusitano, de tal forma que as marcas do pensamento ilustrado fizeram-se sentir em toda a sua extensão, e especialmente na América Portuguesa, na qual uma emergente e pequena parcela da população teve acesso às letras e participou ativamente da vida política.

Nessa análise busco abordar as virtudes maçônicas defendidas por Hipólito em seus textos. Nesse sentido, essa investigação busca entender o significado cultural de Hipólito, e como sua trajetória de vida refletiu em seus pensamentos. Essa abordagem visa compreender a Maçonaria enquanto espaço de sociabilidade

⁵ John Greville Agard POCOCK. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo. Edusp, 2003. Pág.53.

⁶ Luiz Carlos VILLALTA. **O Império luso-brasileiro e os brasis. 1789-1808**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000. Pág. 27.

que defendeu e estimulou a crítica do Antigo Regime, tecendo assim, uma nova rede de conceitos/virtudes que participou da composição do espaço público civil.

Capítulo 1: Hipólito José da Costa e o reformismo luso-americano.

Hipólito José da Costa foi um homem consciente em seu tempo. A formação exemplar em Coimbra, e sua competência intelectual permitiram que Hipólito não apenas se situasse com privilégio no começo do século XIX, como também permitiu que ele adquirisse uma consciência histórica suficiente para elaborar um esplêndido olhar sobre o mundo que o cercava. Hipólito percebeu bem as mudanças que sacudiram o mundo ocidental, e em especial, observou as mudanças que aconteciam no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

Os textos deixados por Hipólito demonstram uma enorme erudição, e nos permitem observar como um homem privilegiado pelo conhecimento viu o mundo no começo do século XIX, mundo este que passava por intensas mudanças, sobretudo pelo abalo causado pela Revolução Francesa e seus desdobramentos na Europa e na América. Hipólito teve um posicionamento claro e ao mesmo tempo crítico sobre a política praticada em seu tempo, o que influenciou profundamente na opinião de seus leitores, sobretudo do *Correio Braziliense*.

O universo sócio-político no qual Hipólito José da Costa estava inserido havia iniciado um profundo processo de transformação, inaugurado anteriormente com o Reformismo Ilustrado. A inserção do iluminismo em Portugal advém com o Reformismo, no reinado de D. José I, sob o punho firme de seu primeiro-ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, posteriormente intitulado Conde de Oeiras, em 1759, e Marquês de Pombal em 1769. A ilustração e as reformas decorrentes romperam com o legado da concepção feudal do governo e sociedade, que anteriormente eram legitimados pela literatura jurídica cristã, pautada em costumes

e tradições, sendo sua fonte, o debate jurídico-dogmático da Escolástica. A ruptura com essa forma de pensamento sócio-político inaugurou um novo paradigma político e social para a administração monárquica portuguesa⁷.

O Antigo Regime era o modelo social e político que vigorava na Europa, caracterizado pela divisão social em três estados, sendo eles altamente hierarquizados (primeiro, segundo e terceiro estados) que correspondiam ao clero, à nobreza e ao campesinato. Na esfera política, o Antigo Regime era marcado pela monarquia, sendo seu ápice as monarquias absolutistas.

Com a centralização do poder estatal sob a monarquia, a razão fez-se necessária na transformação das idéias políticas. Assim, a monarquia, ao abarcar o espaço da nobreza e do clero, também entrou em conflito com as idéias políticas tradicionais, sendo a ilustração uma pronta resposta à necessidade trazida pela centralização do poder régio.

A ilustração, também conhecida com as Luzes, embasava-se na razão como instância última de justificação da ação humana. Assim, as idéias da ilustração eram versáteis, colocando em xeque os pilares fundamentais do Antigo Regime, ao entrarem em confronto direto com a noção dogmática que sustentava a monarquia absolutista e a organização estamental da sociedade. A razão, sendo a quintessência da Ilustração, e por sua prerrogativa conceitual, questionava as antigas estruturas do Antigo Regime, e a partir dos questionamentos levantados pela Ilustração, enxergou-se uma necessidade de reformas governamentais nos campos econômico, e sócio-político para tirar Portugal do ciclo de decadência em que estava submetido.

Tais reformas foram iniciadas por Pombal, e visavam impulsionar Portugal tirando-o do arcaísmo em que se encontrava, principalmente com relação às

⁷ Antônio Manuel HESPANHA. **Arquitetura dos Poderes**. Representação da sociedade e do poder, p.121.

potências européias, especificamente Inglaterra e França. Kenneth Maxwell afirma que Portugal na década de 1750 era a corporificação do Iluminismo, e que as reformas que transformaram Portugal em um regime autoritário e absolutista seguiram a inspiração pombalina de um absolutismo lógico. Seu autoritarismo era essencial para o processo de restabelecimento do controle nacional sobre a economia e para a revitalização do Estado, afastando assim, a influência da nobreza e do clero sobre o Estado⁸.

As Luzes criaram condições para eclodirem duas grandes revoluções, as quais sacudiram todo o mundo Ocidental, sendo elas a Independência das Treze Colônias e a Revolução Francesa. Tais revoluções tiveram seu fundo teórico motivado pela crítica interna que minou progressivamente as sustentações que legitimavam a sociedade e o Estado, rediscutindo e redefinindo o paradigma social. Tanto a independência das Treze Colônias, quanto a Revolução Francesa foram sentidas diretamente no mundo lusitano. Da primeira criou-se um temor de que a América Portuguesa se rebelasse e seguisse a orientação das Treze Colônias. Já a Revolução Francesa e suas conseqüências foram sentidas no âmago em Portugal e suas dependências, causando a transferência da Corte para o Brasil⁹.

No imaginário da época havia se tornado possível não apenas a emancipação política, mas também, a quebra total do Antigo Regime, tendo como modelo a bem sucedida independência dos Estados Unidos da América, e também a Revolução Francesa, no qual toda uma sociedade altamente hierarquizada entrou em crise profunda. A pronta repressão à Inconfidência Mineira demonstra o temor que tinha a Coroa lusitana de uma “revolução” na América Portuguesa. Porém, a

⁸Kenneth MAXWELL. **Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo**. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1997, p.19.

⁹Luiz Carlos VILLALTA. **O império luso-brasileiro e os Brasis. 1789 – 1808**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000, p. 21.

interiorização da razão iluminista nas colônias dos Brasis entrou em choque com os interesses coloniais de Portugal¹⁰.

D. Rodrigo de Souza Coutinho foi uma personalidade ilustrada de Portugal. Suas idéias, amparadas por sua aproximação intelectual do liberalismo escocês, visaram uma série de reformas no Império Português. Ao continuar com a política ilustrada, D. Rodrigo amparou-se nos jovens letrados, advindos da Universidade de Coimbra, como se deu com Hipólito José da Costa. D. Rodrigo defendeu energeticamente a transferência da Corte para o Brasil, e inaugurou o firme pensamento do Império Luso-Brasileiro. Tal posição gerou muita resistência da Corte, porém com a invasão de Portugal pela tropas de Napoleão, essa transferência demonstrou-se a melhor solução para a crise gerada pela guerra¹¹. A Corte estabelecida no Rio de Janeiro permitiu que o Brasil atingisse a autonomia política, abrindo seus portos às nações amigas e mais tarde elevando-o à categoria de reino unido¹².

Hipólito José da Costa nasceu na colônia do Sacramento, ao extremo sul do Brasil, no ano de 1774. Filho de um pequeno nobre, após completar sua formação básica no Brasil, Hipólito foi estudar em Coimbra, onde completou a graduação em Direito e Filosofia. Após sua partida, Hipólito nunca mais retornou ao Brasil, e durante sua vida, morou também em Portugal, onde estudou e serviu a Corte. Morou nos Estados Unidos por dois anos, a serviço de D. Rodrigo de Souza Coutinho, momento no qual conheceu a liberdade de imprensa e o governo democrático. Já a maturidade de sua vida foi passada na Inglaterra, país no qual

¹⁰ Luiz Carlos VILLALTA. **O império luso-brasileiro e os Brasis. 1789 – 1808**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000, p. 27.

¹¹ Luiz Carlos VILLALTA. **O império luso-brasileiro e os Brasis. 1789 – 1808**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

¹² Sergio Buarque de HOLANDA. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro. Editor José Olympio, 1976.

Hipólito se exilou até sua morte em 1823, local de onde editou o *Correio Braziliense*¹³.

A vida de Hipólito José da Costa foi marcada pelo extraordinário, pela experiência do drama e da glória. Após seu retorno dos Estados Unidos da América, Hipólito foi a Londres tratar de negócios oficiais da Coroa Portuguesa. Extra-oficialmente há suspeitas de que Hipólito fôra também resolver negócios que envolviam a Maçonaria Portuguesa e Inglesa, suspeitas essas que foram levantadas pelo Santo Ofício, motivo pelo qual Hipólito foi preso em seu retorno a Lisboa¹⁴.

Por três anos Hipólito ficou preso nos cárceres da Inquisição, sob o motivo de ser franco-maçom. Sob condições deploráveis no cárcere teve sua saúde fragilizada, o que o atormentou até seus momentos finais. Sua fuga pelos portões da frente, como frisa o próprio Hipólito, aconteceu sob circunstâncias misteriosas, mas que nos permite pensar em uma clara ligação com os maçons, tanto de Portugal, quanto da Inglaterra, em especial um, o Duque de Sussex, herdeiro do trono Inglês e amigo pessoal de Hipólito.

Após sua fuga, Hipólito José da Costa se exilou em Londres, sob a proteção do Duque de Sussex. Hipólito dedicou seu livro, a *Narrativa da Perseguição* a ele, como prova de sua gratidão. Sobre a vida de Hipólito podemos traçar um marco principal, sua vida antes e depois da Maçonaria. Esse caráter fica claro na dedicatória logo nas primeiras paginas da *Narrativa da Perseguição*, no qual Hipólito agradece:

À Nação Britânica em geral, e mais particularmente a antiquíssima e venerabilíssima Sociedade dos Reconhecidos Pedreiros-Livres, que tem a honra

¹³Antônio F. COSTELLA. *Cronologia Pessoal*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

¹⁴ Hipólito José da COSTA. **Narrativa da perseguição**. Brasília, DF. Fundação Assis Chateaubriand, 2001, pág. 96.

presentemente e a tem tido pelo espaço de vinte anos de possuir a Sua Alteza Real, o Príncipe Regente por seu Grão-Mestre, nesta obra humilde e repetuosamente dedicada como um sinal de veneração por sua constituição. E um Penhor de gratidão pela sua reconhecida filantropia que se não limita meramente à Europa, antes bem se estende a todas as partes conhecidas do globo¹⁵.

Em 1808 Hipólito José da Costa iniciou a edição mensal de seu jornal *O Correio Braziliense*, os indícios apontam que a rede maçônica, em especial o duque de Sussex, foram os principais patrocinadores para a criação do Correio, principalmente como assinantes do periódico¹⁶. O jornal foi publicado até 1822, momento que Hipólito decide encerrar sua edição para poder se dedicar a outros projetos. Esse período de tempo no qual o *Correio Braziliense* foi publicado foi fundamental para a configuração política do Brasil.

O *Correio Braziliense* se destaca na importância de visão analítica externa, ao processo histórico que se desenrolava no Brasil. Hipólito José da Costa, mesmo não tendo retornado ao Brasil, dedicou o mensário a um público Braziliense, ou seja, a um público socialmente elitizado, que se restringia originalmente aos poucos letrados da terra. Cabe destacar que mesmo com pouco leitores, os fatos relatados no Correio atingiam um público maior, pois um único jornal poderia ser lido por várias pessoas, e possivelmente, a leitura era feita de modo coletivo, ou seja, enquanto a pessoa capacitada lia o jornal em voz alta, os demais acompanhavam a leitura, participando assim, do conhecimento.

O *Correio Braziliense*, mesmo proibido em Portugal e suas dependências, no qual o Brasil estava incluso, chegou a seu destino por meio de navios Ingleses, que possuíam o privilégio comercial com os portos brasileiros. O prestígio adquirido

¹⁵ Hipólito José da COSTA. **Narrativa da Perseguição**. Brasília, DF. Fundação Assis Chateaubriand, 2001, pág. 8.

¹⁶Jean Marcel Carvalho FRANÇA. *A construção de um público*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. pág.121.

pelo jornal pode ser mensurado ao constatarmos que várias de suas páginas foram reproduzidas nos impressos vinculados ao movimento da Independência, em especial o *Reverbero Constitucional Fluminense*¹⁷.

As análises críticas feitas pelo *Correio Braziliense* atingiu direta, ou indiretamente os setores elitizados da sociedade, os mesmos setores que articularam a Independência do Brasil. Aqui ressalto a importância que cabe à Maçonaria como espaço de sociabilidade que reuniu essa elite social, e que foi o público de privilégio de Hipólito. Tal fato se deve às relações maçônicas de fraternidade, e às redes de solidariedades estabelecidas que atingiam o patamar internacional. Nesse sentido, destaco em especial dois leitores de Hipólito no Brasil, Joaquim Gonçalves Ledo, e Januário da Cunha Barbosa, dois prestigiados líderes maçons que participaram ativamente do movimento da independência, e foram também os editores do *Reverbero Constitucional Fluminense*, talvez o principal periódico pró-independência publicado no Brasil entre os anos de 1820-22.

O movimento da Independência brasileira foi marcado pela ativa participação da elite social, e pela inauguração de uma imprensa atuante, que até então tinha pouca expressão no Brasil. O advento da imprensa no Brasil caminhou ao lado da chegada da Corte, e seu desenvolvimento atingiu grande expressão com o movimento da Independência, quando foi utilizada largamente folhetos e jornais que travaram uma intensa batalha de opiniões contrárias, e projetando ao mesmo tempo, diferentes formas de futuro para o Brasil¹⁸.

Com a Corte de Bragança estabelecida no Rio de Janeiro, todo um aparato de instituições foi criado para capacitar a cidade portuária as suas responsabilidades

¹⁷Lúcia Maria Bastos Pereira das NEVES. **Corcundas e Constitucionais: a cultura política da Independência**, 1820-22. Rio de Janeiro. Faperj. Revan, 2003.

¹⁸István JANCSÓ e Andréa SLEMIAN. *Um caso de patriotismo imperial*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

para com o Estado monárquico. O isolamento de Portugal, promovido pela ocupação dos exércitos de Napoleão, permitiu que os ministros portugueses concentrassem seus esforços na instalação dos aparatos da Corte no Brasil.

Nesse período, a população brasileira aumentou consideravelmente graças aos ciclos de prosperidade econômica que se encontrava o Brasil. A elite social também se ampliou nesse momento¹⁹. Atividades econômicas embasadas no tráfico de escravo, nos engenhos de açúcar e nas plantações de algodão, permitiu a ascensão social de diversos setores da elite social, e com a transferência da corte, esses setores que desempenhavam papel político em esfera local, formada pelas câmaras de vereanças, ganharam também uma ascensão política, pois agora poderiam por vezes ter acesso mais freqüente e direto à Corte.

O ciclo de prosperidade econômica vivenciado pela então colônia permitiu que a elite social enviasse seus filhos para se instruírem no reino lusitano, sendo Coimbra o destino mais visado desses. Gerações de jovens brasileiros formaram-se nas Universidades européias. O retorno à terra natal permitiu que esses letrados, muitas vezes formados ao espírito do iluminismo, se inserissem politicamente na sociedade. A influencia do pensamento sócio-político de pensadores iluministas era forte na sociedade européia. Hipólito José da Costa dialogou com vários desses filósofos iluministas nas páginas do *Correio Braziliense*. Ora fazendo criticas pesadas, como os ataques a Rosseau e Voltaire, ora tecendo elogios sinceros, como o fez com Montesquieu²⁰.

As gerações das elites letradas que advinham das colônias brasileiras, incorporadas à sociedade de corte, recém chegadas ao Brasil, tiveram

¹⁹ Jorge Miguel PEDREIRA. *Economia e política na explicação da independência do Brasil*. In: **A independência brasileira: novas dimensões**. Org. Jurandir Malerba. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

²⁰ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou armazém literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III, pág. 142.

reconhecimento da coroa. A política de incorporação dessa elite nos aparelhos do Estado absolutista foi mantida, desde sua inauguração com Pombal, e perpetuada por d. Rodrigo de Souza Coutinho. Hipólito José da Costa foi um exemplo dessa política. Trabalhou para a Coroa, sob o mando do secretário, primeiramente a fim de modernizar as técnicas de agriculturas, e posteriormente, como editor da imprensa régia. A imprensa recém inaugurada na colônia foi dirigida, sobretudo, ao público restrito dos letrados, porém socialmente importantes.

O *Correio Braziliense* foi um dos pioneiros nesse sentido. Ao se propor levar informações críticas sobre o mundo ocidental e mais particularmente sobre o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, a um público distinto, localizado do outro lado do oceano atlântico, na distante e imensa colônia do Brasil, Hipólito também inaugurou uma forma peculiar de transmitir pensamentos e conceitos, essa forma era a imprensa.

Hipólito José da Costa possuía a vantagem de partilhar de uma imensa rede de valores que era conhecida da maioria de seu público. Hipólito era católico, e conhecia bem a literatura eclesiástica. Era monarquista, e um fiel súbito da casa de Bragança, o que não o poupava de tecer críticas furiosas contra a administração do Estado monárquico, mas não à Coroa. Hipólito também tinha o respaldo da intelectualidade, pois sua formação em direito e filosofia na Universidade de Coimbra, permitiu que sua autoridade intelectual fosse reconhecida. Nesse sentido, Hipólito foi um homem cuja opinião foi grandemente respeitada.

Hipólito José da Costa, enquanto maçom que escrevia para maçons do império Luso-Brasileiro, também era uma referencia indiscutível para a formatação moral e intelectual para seu público leitor. Sua prisão pela inquisição sob o crime de

ser franco-maçom, e sua fidelidade e lealdade a Ordem dos Pedreiros Livres, e por fim sua fuga da inquisição, relacionada também com os maçons, fez com que Hipólito fosse visto com um grau de reverência pelo martírio vivido. Hipólito foi um maçom elevado reconhecido pelas suas virtudes. Enquanto editor do principal periódico circulante no processo de Independência, manteve-se firme na militância pró-maçônica.

A Maçonaria, enquanto organização, foi defendida com paixão por inúmeras páginas do mensário. Não apenas a organização da Maçonaria, mas principalmente as virtudes maçônicas. As virtudes maçônicas eram dirigidas ao mesmo tempo para um público leigo, e para um público iniciado. Para Hipólito as virtudes maçônicas não eram restritas apenas aos maçons, e essas eram transmitidas a um público leigo com o sentido de uma razão moral, legitimada pelo bom costume, e pelos valores iluministas, monárquicos e católicos. As virtudes maçônicas que chegavam a um público que não compartilhava dos mesmos valores e símbolos que os maçons eram interpretadas sob a percepção de valores que coadunavam amplamente com os valores civilizatórios. Moralmente as virtudes maçônicas eram reforçadas quando enunciadas pela autoridade intelectual de Hipólito, que naquele contexto embrionário da opinião pública.

Já para o público maçom, as virtudes maçônicas defendidas no jornal só ajudavam a legitimar o *Correio* como fonte de informação, de senso crítico e de moral. Aqui vale destacar o valor polissêmico dos conceitos, que compreendidos nas virtudes maçônicas, possuíam um sentido mais amplo que para o público leigo. Com a intensificação do Movimento da Independência a partir de 1820, Hipólito José da Costa, por seu patriotismo largamente defendido no jornal, foi tido como

uma referencia intelectual para o grupo pró-independência, principalmente quando esse mesmo grupo se confundiu com os principais maçons do período²¹. Hipólito, enquanto “maçom virtuoso” foi lido com respeito por maçons brasileiros, nesse sentido lembro o *Reverbero Constitucional Fluminense* como jornal editado por maçons brasileiros, que republicavam artigos originais do Correio.

A Maçonaria foi inserida no Brasil no início do século XIX, com a loja Reunião, situada no Rio de Janeiro, no ano de 1801. No decorrer das duas primeiras décadas, as lojas maçônicas expandiram-se nos principais centros urbanos do Brasil, tendo grande aceitação em cidades como o Rio de Janeiro, Salvador, e Pernambuco²².

A participação de Hipólito, no plano das idéias, para a causa da Independência foi bastante relevante. Como intelectual, transmitiu por seu jornal um grande arcabouço de conceitos que visavam dar forma e sentido a realidade brasileira. Os projetos elaborados por Hipólito pretenderam construir um Brasil europeu, calcado na lógica da monarquia constitucional, do império Luso Brasileiro, e do iluminismo. Seu esforço dedicado a causa do Brasil foi reconhecido por D. Pedro I logo após a consolidação da independência, quando foi oferecido a Hipólito o cargo de cônsul do império Brasileiro na Inglaterra, cargo que não chegou a ocupar devido a seu falecimento.

²¹ VARNHAGEN. **História da Independência do Brasil**. Quarta edição. Editora Melhoramentos. 19--. Pág. 121.

²² Alexandre Mansur BARATA. *Sociabilidade Maçônica e Independência do Brasil*. In: **Independência: História e Historiografia**, p. 667.

Capítulo 2: A maçonaria como instituição da esfera pública.

Essa análise visa investigar a maçonaria sob a perspectiva de Hipólito José da Costa. Primeiramente irei abordar a estrutura interna da Maçonaria, confrontando os textos utilizados como diretrizes da Ordem, com o depoimento deixado por Hipólito, no intuito de retomar o caráter elementar da organização. O próximo passo é uma análise reflexiva que busca a compreensão do paradigma maçônico que Hipólito divulgava. Nesse sentido, estabeleço a investigação semântica dos conceitos fundamentais da Maçonaria como balizas de análise, sendo o testemunho de Hipólito o ponto de partida para a compreensão da intensa experiência vivenciada pelo próprio autor no começo do século XIX.

O nome *Sociedade dos Pedreiros Livres* provém da palavra “Maçonaria” que, segundo o *Dicionário da Maçonaria* de Joaquim Gervásio de Figueiredo advém do inglês “*masonry*”, e do francês “*maçonnerie*” que significa "construção". O termo maçom, de acordo com o mesmo dicionário, provém do inglês “*mason*”, e do francês “*maçon*”, que significa “pedreiro”. Já do alemão, “*metz*” corresponde ao mesmo que “cortador de pedra”. Chamado pelos próprios maçons de arte real, o ofício dos maçons corresponde, assim, a “*polir o homem rude, uma pedra bruta, e elevar os irmão as regiões da luz*”²³.

A Maçonaria é constituída por núcleos autônomos chamados de lojas. Uma loja é uma assembléia de maçons, que normalmente, estabelecem templos para se reunirem. Cada loja é composta por oficiais que coordenam os trabalhos maçônicos, sendo que, compete ao Venerável Vigilante, a função de orientar e presidir os trabalhos da loja; ao Primeiro Vigilante cabe conduzir os trabalhos da loja; o

²³ Reinhart KOSELLECK. *Crítica e crise*. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Tradução Luciana Villas – Boas Castelo – Branco. Rio de Janeiro. Editora UERJ – Contraponto, 1999. Pág. 64.

Segundo Vigilante é responsável por orientar os aprendizes. Segundo a Constituição de Anderson, para se tornar um vigilante, é necessário possuir o grau de mestre maçom. Para vir a ser Venerável Vigilante, ou mestre Vigilante, o maçom anteriormente deve ter sido vigilante, e apenas os Veneráveis vigilantes pode vir a ser grão-mestres.

Por sua vez, as lojas se organizam nas Obediências, e cada Obediência estabelece seu próprio parâmetro de conduta, suas metas, e suas empatias, como também, escolhem seus respectivos rituais. O ritual é a forma de organização da reunião maçom, sendo composto por um aparato simbólico que evoca ao mesmo tempo as virtudes da ordem e símbolos esotéricos que dão sentido a reunião. São pelos ritos que se transmite o conhecimento maçom, no qual, a cada grau um novo conhecimento é passado, pela forma de iniciação no mistério. Assim, existem vários rituais, e cada obediência escolhe o que mais lhe agrada. A maçonaria em seu formato clássico possui três graus essenciais: o primeiro grau de aprendiz, o segundo grau de companheiro, e o terceiro grau de mestre. Por fim, as Obediências se organizam no Supremo Conselho, como forma de se reconhecerem e estabelecerem, dessa forma, metas comuns.

A Maçonaria tem sua origem envolta de um passado nebuloso. As fontes históricas são incapazes de responder com exatidão questões levantadas sobre a origem da Ordem. Evocando para si a herança da organização de ofícios medievais, sob forte referência à extinta ordem dos Cavaleiros Templários, a Maçonaria ganhou espaço na modernidade sob o crescente interesse e resgate do gótico que envolvia a Inglaterra do século XVIII. Particularmente, Hipólito José da Costa faz algumas poucas, mas diretas referências aos Templários, e a origem da Maçonaria.

Sob os apontamentos de Hipólito, a Maçonaria antiga e mística remonta sua origem ao século XIII, momento no qual se consolidava a Ordem dos Cavaleiros Templários. Para o imaginário maçom do século XIX, do qual Hipólito era íntimo, a Maçonaria seria a face moderna dos antigos Templários. Neste mesmo texto, no qual Hipólito rapidamente refere-se a origem da Maçonaria, ele também afirma que o “filósofo Locke” analisa e comenta um documento sobre a Sociedade dos Pedreiros Livres:

Um exemplo notável disto é a perseguição que sofreram os Framaçons em Inglaterra, em tempo de Henrique I; e que se acha em um celebre manuscrito conservado na biblioteca Bodleyana, em Oxford. Este manuscrito que mereceu ao celebre filósofo Locke, um comentário mui erudito; prova que depois de um circunspecto exame judicial de um Framaçom, perante El Rey, ficou a sociedade permitida: os interrogatórios estão feitos com suma miudeza, e parece que se escolhera para ser perguntado um homem de instrução. Essa inquirição foi tanto mais útil aos Framaçons, quanto foi exata, e circunspecta, porque desde esse tempo, nunca mais foram inquietados os Framaçons em Inglaterra; há mais de seis séculos²⁴.

Mesmo tendo em mente que tais afirmações de Hipólito podem ser equivocadas, temos nítida a referência que utiliza, sendo as Constituições de Anderson, o principal texto que direcionava o funcionamento das lojas.

As Constituições de Anderson, texto elaborado no ano de 1723 pelo pastor James Anderson, é um conjunto de leis que formam os conceitos universais de toda Maçonaria, independente de potências ou poderes. As constituições tiveram a finalidade de regulamentar a abertura de novas lojas associadas à obediência londrina. O documento elaborado por Anderson foi rapidamente aceito pela comunidade maçônica, primeiramente em Londres, e logo em seguida pelo mundo maçônico. As Constituições de Anderson carregam também fortes referências à extinta ordem dos Templários, em clara alusão a sua suposta origem. Hipólito José

²⁴ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág.274.

da Costa, como leitor das Constituições, comunga dessa opinião e, em alguns de seus textos, lança-se na defesa dos Templários frente aos ataques da Inquisição. Nesse sentido, destaco uma pequena citação de Hipólito, que foi escrita quando a Maçonaria portuguesa sofria constantes ataques dos católicos radicais:

As acusações que agora se fazem, em Lisboa, contra os Framaçons, não são novas; porque o mesmo se tem dito deles em outras partes, quando os perseguem. [...] Quando se extinguiram os Templários, disse-se outro tanto contra eles ou ainda mais.²⁵

Enquanto fiel súdito da Casa de Bragança, e leal amigo do príncipe regente da Inglaterra, Hipólito participa da idéia de genealogia que os Templários carregavam, talvez pela grande simpatia que tinha pela nobreza, o que revela certos traços que a Maçonaria adquiriu nesse contexto. Um dos poucos momentos que Hipólito faz referência ao polêmico tema dos Templários é em uma ocasião na qual critica a perseguição religiosa promovida pelos católicos. No sentido de defesa contra a opressão feita pela Igreja, ele afirma: “*Mas deixando essas acusações contra cristãos, Judeus, Templários, ou Framaçons, todas igualmente contraditórias e alegadas sem prova [...]*”²⁶.

Sem nos envolvermos na espinhosa tarefa de especular sobre as origens reivindicadas para a maçonaria, temos indícios que no primeiro quartel do século XVIII as lojas maçônicas estavam em grande expansão na Europa, especialmente em Londres, pois já no ano de 1717 ocorreu a primeira organização de uma Obediência Maçônica, com a junção das três principais lojas londrinas. Com essa centralização, os trabalhos maçônicos passaram a ser coordenados e direcionados por uma esfera maior, ao passo que seis anos depois, James Anderson publicou as

²⁵Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág. 145.

²⁶ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág. 147

constituições. A partir de então, houve um crescimento brusco e irregular do número de lojas pela Europa. Especificamente, foi notória a aceitação da Maçonaria em países como a França, a Prússia, e a própria Inglaterra. Durante os próximos cem anos, o fenômeno da maçonaria abarcou também os países tradicionalmente católicos, como Portugal, Espanha e suas dependências na América.

No começo do século XIX pertencer a Maçonaria era uma condição paradoxal, que ao mesmo tempo propiciava uma ascensão social – por meio da igualdade com a nobreza, e com as elites sociais – e causava um incômodo geral, pela repressão católica que associava a Ordem ao clandestino e à conspiração. Em um das raras ocasiões que Hipólito José da Costa escreveu sobre festividades sociais no *Correio Braziliense* deu testemunho da condição de igualdade social que a Maçonaria propiciava, o que, naquela esfera do privado, anulava a posição privilegiada que o sangue proporcionava a nobreza, porém, para a esfera pública, a condição de maçom era paralela a condição de nobreza, devido aos inúmeros privilégios e nobres relacionados com a ordem. No texto intitulado “*Festividade dos Framações em obséquio de Lord Moira*”, no qual Lord Moira recebeu uma premiação maçônica por seus trabalhos de beneficência, estavam presentes 600 pessoas, dentre elas vários nobres, e em especial os cinco duques ingleses²⁷.

Hipólito vivenciou também um momento de transição dessa condição de privilégio que a Maçonaria significava. Em várias ocasiões, até mesmo a Coroa estava associada à Maçonaria, como o caso relatado por Hipólito do rei Frederico da Prússia, e do Príncipe Regente da Inglaterra. O mesmo iria ocorrer no Império do Brasil, com a ascensão de D. Pedro. Mesmo com a adesão de alguns monarcas à

²⁷ Hipólito José da COSTA. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume XVI. Pág. 99.

Sociedade dos Pedreiros Livres, a Maçonaria era mal vista pela Igreja Católica. A perspectiva de rivalidade aberta pela Igreja, fez com que a perseguição à Maçonaria nos países católicos fosse severa. Hipólito sentiu na pele essa perseguição, sob o punho feroz da Inquisição, momento bem relatado na em sua obra *A Narrativa da Perseguição*.

Capítulo 3: A Maçonaria em Hipólito José da Costa.

Para compreender a perspectiva que compunha o imaginário maçônico, tanto como força motriz, como também enquanto sentido legitimador de ação de Hipólito José da Costa, é necessário buscar o entendimento do paradigma maçônico, do qual Hipólito participava. Para além de sua postura intelectual, transposta por sua formação iluminista e seu ofício de editor ilustrado, Hipólito estava envolto em uma rede de sociabilidade que abarcou várias dimensões sociais e intelectuais de sua vida. Essa rede de sociabilidade, foi a Maçonaria, e nessa análise, busco compreender como Hipólito legitimou seus pensamentos, transmitidos via imprensa, por uma filosofia maçônica.

Os amigos mais íntimos de Hipólito da Costa, como o Duque de Sussex, homem que supostamente ajudou no resgate Hipólito dos cárceres da inquisição, eram ligados à sociabilidade maçônica. O reconhecimento da amizade do príncipe é tamanha que Hipólito dedica seu primeiro livro, a *Narrativa da Perseguição*, a ele, e também a “*Sociedade dos Pedreiros Livres*”, como já mencionado acima²⁸. Parte expressiva do público leitor de Hipólito, como também grande parte dos assinantes e patrocinadores do *Correio Braziliense*, foram maçons, tanto da América Portuguesa, quanto da Inglaterra²⁹. Em seu exílio na Inglaterra, Hipólito freqüentou regularmente as reuniões maçônicas, chegando a assumir o posto de oficial da loja londrina³⁰. Em suma, Hipólito viveu com intensidade uma vida pautada nas relações inauguradas pela sociabilidade maçônica e pelo vínculo assumido com a Maçonaria.

²⁸Hipólito José da COSTA. *Narrativa da Perseguição*. Brasília, DF. Fundação Assis Chateaubriand, 2001. Pág. 8.

²⁹Ivan Alves FILHO. *Cronologia Geral*. In: *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

³⁰ Idem.

Para compreender os conceitos que pairam no paradigma maçônico, que é difuso e pouco conhecido, torna-se necessária uma análise reflexiva que busca dar razão ao espírito vivenciado por Hipólito na Maçonaria. Assim, abordarei os conceitos que organizam o sistema simbólico que legitimam a ação dos Pedreiros Livres a fim de lançar luz em suas estruturas de pensamentos; estruturas essas que irão possibilitar a melhor compreensão do posicionamento de Hipólito diante do mundo leigo³¹, e permitir o entendimento da linguagem política utilizada por Hipólito. Nesse sentido, busco a maior compreensão semântica de alguns conceitos sociais e políticos utilizados por Hipólito, que tem seu significado inaugurado pelo paradigma maçônico, sob o símbolo das virtudes maçônicas.

A Maçonaria é uma ordem iniciática, de cunho cristão esotérico, que agrêmia “homens bons”. Sob a tutela do Grande Arquiteto do Universo - GADU - ,os maçons cultivam virtudes essenciais para seu modelo de sociedade, sendo essas virtudes a reverência a Deus, o trabalho, o conhecimento, o patriotismo, a justiça, e a razão ponderada³². Essas virtudes são as vias para a libertação das trevas da ignorância, e impedir, ao mesmo tempo, a propagação do fanatismo religioso.

As virtudes - concomitantemente chamada de luzes, mistérios e até mesmo de *arcanum* - são os mecanismos de ação individual do maçom, e, para além disso, são os mecanismos que lança luz ao homem. A luz, ou o conhecimento provindo da luz, seria o único instrumento capaz de transformar o homem, e conseqüentemente a humanidade, isto é, no pensamento maçom, para mudar a humanidade é necessário anteriormente, a mudança do homem. E, somente através da luz, o homem conseguiria compreender o máximo da cultura maçônica, ao atingir a fraternidade

³¹ Leigo é o mesmo que profano, ou seja, aquele que não participa dos elementos do ocultismo maçônico.

³² Literatura maçônica, ver fontes secundárias. James ANDERSON. As Constituições de Anderson 1738.

entre os homens. Nesse estágio utópico a qual a maçonaria visa levar a humanidade, os homens não mais precisariam de um Estado, pois as virtudes iriam conduzir a ação humana, e não as leis ou a autoridade, o que estabelecia a superação do Estado pela moral³³.

Buscando atingir esses valores máximos da ordem, os maçons tomaram para si a responsabilidade de arquitetar tanto sua postura individual, quanto a postura social. A fim de chegar a esse modelo de sociedade, a Maçonaria compartilha um corpo comum teórico e simbólico, mesmo nas mais diferentes organizações maçônicas³⁴. Esse fundo teórico e simbólico, centrado nas virtudes da Fraternidade, da Igualdade e da Liberdade, formou a organização social elementar do maçom: a loja.

Os dogmas e rituais reproduzidas nos templos maçônicos por uma rede de símbolos herméticos-cabalísticos³⁵, carregam em si o sentido das virtudes que ordenam essa sociedade ilustrada. O amor fraterno, a filantropia, a busca pelo conhecimento do homem, o trabalho, o patriotismo, a justiça, e a tolerância religiosa, compõem as virtudes maçônicas, que carregam tanto o sentido de organização interna da ordem, quanto sua finalidade externa, ou seja, de sua auto-imposta responsabilidade pela humanidade. Koselleck é categórico em sua reflexão sobre a ação moral maçom, e afirma:

Os maçons não combatem apenas de forma esotérica os males cotidianos, tarefa que cabe a todos os homens decentes. Na condição de esotéricos, eles se erguem acima do *front* cotidiano do bem e do mal. Na medida em que suprimam o motivo para as boas ações, isto é, os males da política, o bem também perde o sentido. Se o mal desaparece, o bem torna-se tão evidente que se suprime³⁶.

³³Reinhart KOSELLECK. **Crítica e Crise uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Tradução Luciana Villas – Boas Castelo – Branco. Rio de Janeiro. Editora UERJ – Contraponto, 1999.

³⁴ Esse estudo faz a opção por tratar a Maçonaria em seu sentido teórico e simbólico, assim, considero correto utilizar da forma singular por considerar como único o princípio maçom.

³⁵ Francês A. YATES. **Giordano Bruno e a Tradição Hermética**. Tradução Yolanda Steidel de Toledo. Ed. Cultrix. São Paulo. 1995.

Como na metáfora do Grande Arquiteto, os maçons também se colocam no encargo de arquetarem a sociedade em que vivem, reproduzindo na realidade exterior das lojas, as virtudes defendidas no interior delas. De tal forma, o maçom primeiro deve constituir um microcosmo calcado nas virtudes da ordem, e, ao mesmo tempo, reproduzir essas virtudes em um macrocosmo social. Nesse sentido, encontra-se uma razão pela pronta participação na sociedade de vários maçons, exercendo em muitos casos o papel determinante para os processos civilizatórios da modernidade ocidental³⁷.

A Maçonaria, enquanto ordem esotérica, possui prerrogativa universal do esoterismo, o melhoramento do homem e do mundo, pelo caminho do conhecimento³⁸. Aqui, a perspectiva trabalhada sobre esoterismo consiste em pensar o sistema esotérico enquanto uma tradição cultural, que compartilha um sistema simbólico comum, do qual a Maçonaria participa. A ordem maçônica, enquanto herdeira de uma tradição hermética³⁹, que teria sido amplamente cultivada na Europa Renascentista, apropriou-se dos princípios esotéricos e os reconfigurou, dando a eles o formato de Virtudes. Essa mudança determinou o formato da maçonaria na modernidade. Papus, um dos franco-maçons mais respeitados da França na virada do XIX para o XX, e importante autor da literatura maçônica, escreveu que a Maçonaria há muito já não era mais uma ordem na qual perpetuava o conhecimento esotérico, apesar de se sustentar filosoficamente nesses princípios⁴⁰.

³⁶ Reinhart KOSELLECK. **Crítica e Crise uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Tradução Luciana Villas – Boas Castelo – Branco. Rio de Janeiro. Editora UERJ – Contraponto, 1999. Pág. 79.

³⁷ A participação política e social dos maçons, pontualmente no final do século XVIII e no decorrer do XIX, é de tamanho alcance, que vale destacar, sobretudo, a crise do Antigo Regime, e sua correlação com a expansão da maçonaria, questão tão bem trabalhada por Kosseleck, em seu livro *Crítica e Crise*.

³⁸ Literatura maçônica, ver fontes secundárias.

³⁹ Francês A. YATES. **Giordano Bruno e a Tradição Hermética**. Tradução Yolanda Steidel de Toledo. Ed. Cultrix. São Paulo. 1995.

⁴⁰ PAPUS. **Tarô dos Boêmios**. Barra Funda-S.P. Ícone Editora, 1995., pág. 21.

A Sociedade dos Pedreiros Livres, sob Hipólito José da Costa, se apresentou como Ordem Filantrópica, cujo trabalho foi dirigido para *aperfeiçoar e abrandar os corações dos homens*, reconhecendo a si mesma como Escolas de Virtudes. Nesse sentido, para entender como a Maçonaria atua como Escola de Virtudes é necessário ressaltar o caráter elementar de suas virtudes, sendo elas uma releitura do esoterismo renascentista para a realidade moderna.

O intuito da Maçonaria é trabalhar na Grande Obra da Humanidade, sendo sua finalidade o melhoramento do homem. O meio para tal consiste em disseminar as virtudes maçônicas pela humanidade. Ao assumir responsabilidade na obra do Grande Arquiteto, os maçons assumem também uma posição cosmopolita frente a um mundo que mudava profundamente. O iluminismo veio a coadunar com o espírito maçom de trabalhar em um mundo culturalmente unido, sob a lógica da razão moderada, no qual não houvesse as fronteiras nacionais. Sob essa lógica, no início do século XIX, paulatinamente a Maçonaria se estabeleceu em inúmeros países da Europa e América.

Enquanto Escola de Virtudes, a ordem maçônica buscou elevar o conhecimento ao homem. Segundo seus mistérios, o homem, ao interiorizar as virtudes, afasta ao mesmo tempo os vícios, organizando seu microcosmo, seu espírito. Dessa forma, o culto das virtudes muda a organização do individual, o que levará o homem, conseqüentemente, a mudança do macrocosmo social.

Entre os anos de 1809 a 1812 Hipólito José da Costa destinou quatro artigos do *Correio Braziliense* a defesa da maçonaria, frente as acusações lançadas por um folheto de grande circulação em Lisboa, intitulado de *Os Pedreiros Livres, e os Illuminados, que mais propriamente se deverão denominar os Tenebrosos, de cujas*

seitas se tem formado a pestilencial irmandade, a que hoje se chama jacobinismo.

Esse folheto que inicialmente possuía a autoria anônima, posteriormente foi vinculado a Vicente Jozé Ferreira Cardoso da Costa, e trazia , ardorosas acusações contra a Maçonaria, que cada vez mais conquistava associados em Portugal, especialmente nas cidades de Lisboa, Coimbra, e Porto⁴¹.

Hipólito tomou a defesa da maçonaria e redigiu dois artigos na sessão *Miscellanea*, que tratavam da análise crítica do determinado folheto, e dois outros destinados a responder a mesmo. Nesses textos, destaco a riqueza da exposição feita por Hipólito sobre a estrutura da maçonaria. Neles, o editor do *Correio Braziliense* expõe com clareza, parte da história da maçonaria, ao mesmo tempo que disserta sobre suas virtudes, e suas causas. Nesse sentido, Hipólito inicia sua exposição de forma mais elementar, e disserta sobre a finalidade da maçonaria e do caráter dos membros que a compõe, ao afirmar:

Esta Sociedade dos pedreiros Livres tem por fim beneficiar a humanidade desprovida dos socorro temporais. A caridade fraterna é o laço, que os une. Cada indivíduo desta ou daquela particular corporação que vive virtuoso, e honrado, tem nela um recurso infalível á sua indigência, e calamidade. Tem igualmente um abrigo á sua desventura, quando esta procede ou de um erro, ou de sucessos não esperados [...]⁴²

Hipólito José da Costa, após sua fuga da inquisição, assumiu em Londres uma vida pautada na tradição maçônica. Já em 1816 assumiu como grão-mestre provinciano, um posto de oficial maçom de grande importância frente à maçonaria Inglesa⁴³. Ter ocupado tal cargo é um forte indicio da erudição de Hipólito dentre a tradição maçônica, pois a responsabilidade do grão-mestre, além de coordenar os

⁴¹João José Alves DIAS. *A maçonaria em Portugal de 1727 a 1802*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

⁴²Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume VIII. Pág.644

⁴³ Nesse momento a Grande Loja de Londres possuía um papel fundamental frente á Maçonaria mundial, pois a se tornar a primeira a estabelecer uma obediência que centralizava a maçonaria na Inglaterra, fez-se referência mundial como unidade de reconhecimento das demais obediências.

trabalhos em instância provincial, também restava assumir como interprete e legislador das tradições maçônicas, dentre quais estão suas regulamentações, seus simbolismos e sua história. Outras importantes funções que Hipólito assumiu foi o de fundador de mais outras duas lojas, também em Londres⁴⁴.

Podemos identificar nos textos deixados por Hipólito José da Costa resquícios dessa erudição maçônica, mesmo tendo em mente a real possibilidade de que tal literatura esteja equivocada. No entanto, busco demonstrar as apropriações feitas por Hipólito, a fim de tentar aproximar do real sentido dado a experiência maçônica vivenciada pelo autor do *Correio Braziliense*.

Ao mesmo tempo em que defende abertamente a Maçonaria, Hipólito faz uma apaixonada propaganda pró-maçônica, deixando claro o caráter secreto da ordem. A Maçonaria enquanto sociedade privada está fechada à esfera pública. Ao mesmo tempo, também ela faz uso da esfera pública através de seu simbolismo aberto. Assim, percebemos porque apenas os convidados participam de uma reunião maçônica aberta - mostrando assim seu caráter fechado - ao mesmo tempo em que se admite publicamente, por meio da imprensa, a existência da ordem. Assim, percebemos que a Maçonaria nesse momento não foi, ou teve a pretensão de ser, uma sociedade secreta no sentido literal do termo, mas, ao mesmo tempo, percebemos também que a Sociedade sempre se resguardou em um público restrito. Ou seja, uma sociedade privada, resguardada a um público restrito, cujos trabalhos são guardados pelo segredo, que, porém, faz uso da esfera pública.

A condição de sociedade privada foi consolidada por via de um processo árduo de emancipação e aceitação dentro do próprio Estado. Por um lado, a

⁴⁴Antônio F. COSTELLA. *Cronologia Pessoal. Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

Maçonaria enquanto se consolidava como sociedade autônoma do Estado no seio do próprio absolutismo viabilizou sua sobrevivência por meio do segredo. Essa dimensão do segredo, o *Arcanum* maçônico é essencial para o entendimento em si da Sociedade dos Pedreiros Livres, é essencial para compreender a formação do espaço público civil por meio da sociabilidade maçônica. O espaço público civil, por sua vez, é de importância elementar para a formação da nação e do sentimento de nacionalidade, pois segundo Benedict Anderson, um dos sentidos essenciais para o conceito de nação, é a identidade coletiva, e essa é determinada por uma esfera pública comum aos participantes da comunidade imaginada⁴⁵.

Nesse sentido, busco a compreensão do segredo, em um diálogo que envolve diretamente três autores distintos: Jurgen Habermas e Reinhart Koselleck, enquanto análise reflexiva da Maçonaria como espaço de sociabilidade, e o próprio Hipólito José da Costa, enquanto testemunho histórico. Como ponto inicial destaco uma citação comum em Habermas e Koselleck, no qual os dois autores se referem à Lessing para afirmar: “*Segundo sua natureza, a maçonaria é tão velha quanto a sociedade civil. Ambas só poderiam nascer juntas – isto se a sociedade civil não for um produto da franco-maçonaria*”. Tal afirmação “social-ontológica” carrega para ambos os autores um conteúdo histórico verdadeiro, pois, segundo Habermas: “*Nas lojas, e através delas, a burguesia adquire uma forma social própria*”⁴⁶. Ou seja, nas lojas, e através delas, consolidou-se uma cultura elitista, influenciada diretamente pelo iluminismo.

Habermas demonstra em sua obra *Mudança estrutural da Esfera Pública* a transformação dos centros de sociabilidade em esfera pública. A esfera pública no

⁴⁵ Benedict ANDERSON. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Atica, 1989.

⁴⁶ Jurgen HABERMAS. **Mudança estrutural da esfera pública**. Pág. 51. Reinhart KOSELLECK. *Crítica e Crise*. Pág. 64.

seio do Antigo Regime era um espaço de monopólio real e logo estatal, pois o domínio desse espaço era necessário para a sustentabilidade do próprio regime. Das cortes monárquicas aos salões e cafés, os espaços de sociabilidade vieram a ser uma espécie “primitiva” do que hoje é o espaço público civil. Nesses espaços de sociabilidades, os filhos de príncipes e nobres circulavam ao mesmo espaço com oficiais mecânicos, artesãos e profissionais liberais, estabelecendo uma convivência, no qual colocavam em xeque a lógica social do Antigo Regime. Nesse sentido, cito Habermas:

Para além dos limites da hierarquia social, os burgueses se encontram aí, como “meros” seres humanos, com os nobres: socialmente reconhecidos, mas politicamente desprovidos de influência. Ai, o decisivo não é tanto a igualdade política dos membros, mas, muito mais, sobretudo a sua exclusividade em relação ao setor político do absolutismo: inicialmente a igualdade social só era possível como uma igualdade fora do Estado. Por isso, a reunião das pessoas privadas em um público é antecipada em segredo, uma esfera pública antecipada ainda grandemente com exclusão da publicidade⁴⁷.

Koselleck participa da perspectiva de Habermas, e completa sua reflexão ao observar a ocorrência de um conflito entre sociedade e Estado, no qual o Estado percebe “*sua ordem ameaçada por uma atividade política autônoma da nova camada social dominante, o que a obriga a se resguardar na clandestinidade, no foro privado em que se havia constituído*”⁴⁸.

O segredo foi, ao mesmo tempo, um mecanismo de defesa e um mecanismo de liberdade que emancipou o homem tanto do Estado, quanto da Igreja, pois o segredo sustentou uma prerrogativa que separava a moral da política e da religião, isto é, para os maçons era possível ser “livre em segredo”. Os maçons embasados na virtude possuíam a legitimidade moral para se desvincularem do sistema político despótico, e da religião “corrupta”, que nos séculos anteriores, teria levado a guerra

⁴⁷ Jurgen HABERMAS. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1984. . Pág. 50.

⁴⁸ Reinhart KOSELLECK. **Crítica e Crise uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Tradução Luciana Villas – Boas Castelo – Branco. Rio de Janeiro. Editora UERJ – Contraponto, 1999. Pág. 63.

religiosa na Europa. O segredo, assim, carregou duas funções primordiais para o funcionamento das lojas maçônicas, “*o de proteger e reunir a sociedade*”⁴⁹.

As lojas maçônicas possuíam por constituição o caráter apolítico de sua instituição civil. A ação maçônica regular não estimulava o pensamento revolucionário, aparentemente bem ao contrário, aconselhava o respeito às leis e à ordem. Essa posição mantida pela constituição maçônica também fomenta uma interessante dialética explícita já na própria constituição, na qual defende o abrigo a revolucionários moralmente corretos, o que confronta com a posição apolítica das lojas. Nessa perspectiva podemos notar a divisão entre moral e política, e também perceber o privilégio da moral sobre a política.

A ação maçônica estimulada pelo uso da moral, por sua vez, é determinada pelos princípios básicos da ordem, esses princípios segundo o próprio vocabulário maçom, são formados pelas virtudes. A ação, a princípio apolítica, porém determinada pela moral que se separava da política e da religião, adquire assim o sentido que Koselleck chama de ação política indireta. A ação política indireta, fomentada pelas virtudes maçônicas, carregavam em si os elementos contrários aos princípios do Estado Absolutista, o que permitiram exercer no segredo das lojas, a crítica ao regime. Dessas virtudes maçônicas, três delas atingiram uma semântica utópica, que inaugurou a crise do Antigo Regime: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

O espaço de sociabilidade da maçonaria também é apontado como fundamental para o desenvolvimento da ação política indireta, pois, mesmo que a Maçonaria enquanto instituição não se portou essencialmente como conspiratória,

⁴⁹ Reinhart KOSELLECK. **Crítica e Crise uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Tradução Luciana Villas – Boas Castelo – Branco. Rio de Janeiro. Editora UERJ – Contraponto, 1999. Pág.72.

os maçons utilizaram da sociabilidade da loja para difundir suas idéias, mesmo aquelas de cunho conspiratório. Tal ação pode ser muito bem vista no processo de emancipação do Brasil, no qual a maçonaria teve papel fundamental como um dos espaços onde se articulou a Independência. A sociabilidade maçônica protegida pelo véu do segredo, associada às articulações de homens poderosos que visavam à separação de Brasil e Portugal, mostrou-se eficaz para conduzir o processo da independência. Nesse sentido, o segredo demonstrou ser um mecanismo formidável para fomentar a crise.

O segredo nos ritos maçônicos é diretamente vinculado às virtudes de Fidelidade e Lealdade. A fidelidade e a lealdade tanto aos respectivos *irmãos* quanto a Maçonaria, resguardou a discrição da Ordem, e ao mesmo tempo, manteve a salvo os sinais de reconhecimento entre os maçons. O segredo também toma outro sentido na ordem, pois o trabalho realizado na loja nunca foi público. Assim, a Maçonaria deixou claro seu direcionamento, porém nunca permitiu a participação de leigos em seus trabalhos. Nesse sentido, escolhi uma longa citação que demonstra a opinião de Hipólito:

Os procedimentos de todas as sociedades são sempre mais ou menos ocultos para as pessoas estranhas; isto é que não pertencem à corporação; e não há coisa mais vulgar nem mais racionável do que a exclusão de pessoas estranhas, quando os membros de qualquer sociedade, se ajuntam para tratar negócios, que são relativos á mesma sociedade; acontece isso até nas confrarias ou irmandades devotas, que há em todas as igrejas; e, ainda mais, em todas as sociedades há certos negócios, em que não intervem todos os sócios; tal é por exemplo em uma companhia muito numerosa de comércio, como a das Índias em Inglaterra, ou de Holanda, onde o estado atual dos fundos costuma ser um segredo, que nunca sai para fora do pequeno numero dos sócios, que são os diretores da companhia. E sendo isto tão comum só a falta de reflexão pode fazer estranhável nos Framaçons o que é praticado por todas as corporações. É verdade que umas sociedades são mais escrupulosas que outras em ocultar os seus negócios, e a sociedade dos Framaçons parece ser a mais escrupulosa neste artigo; mas se em geral o costume se não reputa mau, também o grau não pode alterar a moralidade da ação. Até um pai de família não trata os negócios de sua casa ante estranhos, e esta cautela só lhe chama crime a vizinha curiosa, que se

ofende desta prudência, sem outro motivo que o de não poder satisfazer á sua impertinente curiosidade⁵⁰.

A consolidação da esfera pública civil necessitou de um elemento que permitiu a união da sociedade civil, esse elemento foi o patriotismo, que carregado de um grande senso de sentimento a terra natal, assegurou moralmente a participação de regiões distantes da sociedade civil a uma causa que foi para além do Estado.

O amor pela pátria era uma condição essencial para o maçom, e para a Maçonaria. Enquanto instituição privada que compõe uma nação, a Maçonaria foi uma associação de fins filantrópicos que atraiu a justificativa de sua existência na realidade da nação. Nesse sentido, Hipólito José da Costa defende a utilidade da associação, e afirma:

A utilidade da sociedade dos Framaçons, ou se pode considerar relativamente á nação, ou relativamente aos indivíduos, membros da sociedade. Se a considerarmos pela utilidade que dela pode resultar á nação, não pode chamar-se inútil; visto que fica provado que todas as sociedades particulares, que não são para mãos fins, são úteis; porque aumentam a sociabilidade entre os homens, pulem os costumes, e fomentam as virtudes patrióticas, e ainda algumas moraes;⁵¹.

Hipólito desvincula a Maçonaria da conspiração. Por seu caráter secreto, as lojas seriam o espaço de excelência, no qual se desenvolveriam os planos contra o Estado e os príncipes. Essa associação entre Maçonaria e conspiração tomou tamanha dimensão, que Hipólito dedicou várias páginas do *Correio Braziliense*, na defesa da Maçonaria no sentido de quebrar esse vínculo pré - existente. Assim, ele afirma:

[...] em 23 de Fevereiro de 1778, se acha copiada por extenso uma carta del Rey de Prússia, dirigida á Loja Amizade de Berlim, cujo original diz a mesma gazeta

⁵⁰ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág. 272

⁵¹ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág. 270

que se conserva nos arquivos dessa Loja; onde El Rey mostra a sua mais decidida aprovação aos princípios desta Sociedade. É logo necessário, para desfazer este argumento, mostrar, ou que o Rei da Prússia era tão estúpido, que pertencendo a esta sociedade não sabia o que ela era, ou que era um inimigo de si mesmo, pois favorecia e louvava uma sociedade, que tinha por objeto o destruí-lo⁵².

O patriotismo enquanto virtude maçônica foi defendido com paixão em vários escritos de Hipólito. Em um primeiro momento, antes de estourar a Revolução do Porto e a Movimento da Independência, Hipólito afirmou sempre ser um fiel súdito da casa de Bragança, e considerou, até se tornar insustentável, a idéia da união de Portugal e Brasil, sob o Império Luso-Brasileiro, como a melhor forma política para o Brasil, e para a sua majestade. Hipólito deixou claro o patriotismo enquanto virtude pessoal. De seus escritos, destaco essa pequena citação, na qual Hipólito declara com paixão seus sentimentos com a Pátria:

Entendo por amor da Pátria, aquele desejo puro, e ardente da felicidade, a gloria do País, que nos tem dado o nascimento. Entendo a oferta voluntária dos nossos talentos, das nossas forças, e da nossa vida para a defesa, e conservação do Augusto príncipe, á quem tributamos fiel vassalagem, e da nação, á qual devemos todos os sacrificios. He um dever indispensável retribuir á Pátria o que temos recebido dela. Não é pois a nossa utilidade, e proveito, sim a salvação dela, que devemos ter sempre em vista.⁵³

Com a explosão do movimento da independência, Hipólito outrora defensor do Império Luso-Brasileiro, toma partido na causa da independência, e novamente utiliza do patriotismo para, de um lado enaltecer o Brasil, e de outro atacar a velha Europa, em especial Portugal. Em 1818 com o alvará que proibia o funcionamento das sociedades secretas no Brasil, Hipólito se posiciona contra essa lei, e assume uma postura patriótica desvinculando, pela primeira vez, o Brasil da Europa. O contexto no qual Hipólito escreve é de grande repressão, principalmente pelas nações participantes da Santa Aliança, que atemorizados pelas repercussões do

⁵² Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág.143.

⁵³ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume VIII. Pág.744

clima de revolta francês, fazem proibir em seus territórios as tidas sociedades secretas. Hipólito toma uma posição enfática, ao dizer que repetira sua “máxima” e afirma: *“Que o Governo do Brazil deve sempre ter em vista, que as Políticas Européias podem mui bem arruiná-lo, se se embrulhar nelas, e nunca lhe poderão fazer bem algum”*⁵⁴.

Hipólito José da Costa fez uma interessante correspondência entre Estágio Civilizatório e quantidade de associações particulares, sendo as nações mais desenvolvidas aquelas que possuíam maiores números associações particulares. Essa lógica, embebida no Liberalismo Escocês, fez com que Hipólito afirmasse:

Há porém muitos ramos, que não podendo ser bem administrados por indivíduos, nem sendo conveniente que o governo se encarregue deles, fazem que as sociedades particulares sejam, neste caso, de absoluta necessidade, para a prosperidade nacional.⁵⁵

Ao dar continuidade a esse pensamento, Hipólito argumentou que as sociedades selvagens não possuem centros de sociabilidades necessários para unirem os homens, o que diminui o relacionamento humano. Assim ele afirma:

A proporção que a nação se adianta em grãos de civilização, aumentam-se também as associações particulares; e assim vemos, que as pequenas tribos de Americanos, que tem saído do primeiro estado selvagem, e tem adquirido alguma civilização pela vizinhaça das colônias européias, fazem já entre si suas associações para comerciar, caçar os animais, cujas peles vendem aos Europeus, &c⁵⁶.

A relação atribuída entre o espaço de sociabilidade e o grau de civilização é um argumento utilizado que beneficia a presença da Maçonaria na nação. Utilizando dessa mesma razão, Hipólito é categórico ao criticar a posição de Portugal frente à Maçonaria, e faz uma afirmação enfática:

⁵⁴Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume XXI. Pág. 216

⁵⁵ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág. 269

⁵⁶ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág. 148

As acusações, e perseguições contra os Framaçons tem seguido estes passos de todas as outras; porque sendo fundadas na ignorância, acabaram já em Inglaterra, e em todos os mais países, onde as ciências têm feito progressos, e assim, em Portugal, será talvez a ultima parte onde estas perseguições acabem; porque o atraso dos conhecimentos naquela infeliz nação é tão proverbial na Europa; que se julga andarem os portugueses três séculos atrás das mais nações.⁵⁷

Reinhart Koselleck utiliza da ação política indireta como categoria de análise que abarca a concepção da Maçonaria enquanto meio de sociabilidade. Para Koselleck, o espaço propiciado pela Maçonaria, enquanto rede de sociabilidade, foi fundamental para criar e fazer circular as criticas que iriam abalar o Antigo Regime. Aqui destaco a ação política indireta da Maçonaria também como Escola de Virtudes. Nesse sentido, a ação política indireta foi o modo como se dá a relação entre os maçons e a sociedade, pois ao promover uma mudança moral necessária ao maçom, o maçom também imagina produzir essa mesma mudança na sociedade no qual participa. Tal mecanismo de disseminação moral só foi possível com o culto a uma moral apolítica e agnóstica, no qual desvinculou a moral maçônica da política e da religião oficial. O esoterismo foi determinante para a consolidação da Maçonaria, pois somente com a interpretação esotérica do homem frente ao universo que os maçons conseguiram unir uma elite social heterogênea sob a bandeira das virtudes. Assim, a Maçonaria ganhou um espaço único em seu tempo histórico, pois articulou uma elite social heterogênea sob uma ideologia suficientemente forte para mantê-la unida. Essa união dentro da Maçonaria só foi possível sob a coesão das virtudes maçônicas, uma ideologia suficientemente válida para todos os participantes.

Enquanto Escola de Virtudes que busca o esclarecimento do individuo, a Maçonaria mobiliza a sua mais estimada virtude, a filantropia. A filantropia,

⁵⁷ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág.146

enquanto virtude maçônica, é a principal forma de enobrecer o espírito humano, e várias ações se pautaram nesse conceito como prerrogativa de ação. As ações de liderança, de esclarecimento, como também as ações de cunho assistencialista ou beneficência, levam o culto da filantropia, que no fim, é um dever de todo o maçom⁵⁸. Por muitas vezes, a Maçonaria é apresentada como sociedade filantrópica e como escola de virtude. Hipólito, no livro *a Narrativa da Perseguição*, define dessa forma a Sociedade dos Pedreiros Livres.

A Fraternidade cultua uma irmandade maçônica universal, que pretende atingir todos os homens e abraçar todo o mundo, a fim de libertar o homem das trevas. Nesse sentido, a Maçonaria enfrenta uma primeira questão paradoxal, pois ao se fechar no segredo, se restringiu a um público privado, porém, a Maçonaria, enquanto pretensão ontológica da Ordem, pretendeu estender suas virtudes ao mundo, mas restringiu sua escola de virtude a um público interno. Esse público, os maçons, é determinado pela iniciação de livre vontade do homem nos mistérios da Ordem. A fraternidade foi associada a uma virtude essencial para a condição de maçom, o Amor Fraternal.

A Fraternidade sendo um dos sentidos da ordem tem como um de seus expoentes a expressão mais comumente utilizada para caracterizar a Maçonaria, o socorro mútuo. Questionado sobre a utilidade da Maçonaria para os maçons, Hipólito José da Costa responde, pautando seu argumento no socorro mútuo:

[...] Quanto á utilidade dos sócios em particular; ainda que somente um Framaçom possa avaliar ao justo as utilidades que lhe resultam de pertencer á sua ordem, com tudo ainda quem não sabe do interior da sociedade pode ajuizar que os sócios tiram dela proveitos imediatos: é publico, por exemplo, que a sociedade se encarrega da educação e arrumação dos órfãos dos seus membros,

⁵⁸ James ANDERSON. **As constituições de Anderson**. Edição Inglês e Português. Texto em Inglês fac-similar. São Paulo: Editora A Fraternidade, 1982.

que necessitam deste amparo, e que os membros mais ou menos se entre socorrem uns aos outros. Logo isto são proveitos imediatos, e mui atendíveis⁵⁹.

O Socorro mútuo foi por muitas vezes o maior representante do caráter cosmopolita da Maçonaria. O próprio Hipólito encarnou esse aspecto, quando seus irmãos maçons o libertaram dos cárceres da inquisição e deram-no abrigo em terras distantes. Durante as seções de interrogatórios, feitas pelos inquisidores, Hipólito relata outra experiência que o Socorro Mútuo proporcionou, ainda maior do que a sua:

Quando o Bispo do Funchal, na Ilha da Madeira, José da Costa Torres, perseguiu tantas e tão honradas famílias, só porque alguns indivíduos delas se diziam ser framaçons, muitas pessoas se embarcaram para os Estados Unidos, e um dos navios, chegando a Nova Iorque, mostrou uma bandeira branca que continha em letras azuis a inscrição **Asilum Quoerimus**; imediatamente foram a bordo os principais framaçons da terra e trouxeram consigo estas perseguidas famílias a que fizeram o mais generoso agasalho; de maneira estrondosa foi este caso, que o bispo foi removido para Elvas, mas depois promovido ao Arcebispado de Braga, onde continua o seu intolerante e perseguidor espírito a comprometer a fama da sua nação e a justiça do governo⁶⁰.

O socorro mútuo e a beneficência também são protegidos pelo segredo. Os maçons tornaram pública a existência da Sociedade como algo natural, porém suas práticas sempre foram ocultas e suas atividades raramente ganharam publicidade. Hipólito relata à mecânica do segredo em torno da beneficência e do socorro mútuo, e quando interrogado pelos inquisidores, ele afirmou:

Advirta, agora este senhor padre notário do Santo Ofício, que as esmolas que os framaçons fazem aos necessitados são conferidas tão ocultamente, que o beneficiado ignora a mão que lhe faz o benefício; e isto por um princípio estabelecido, recomendado e usado pelos mesmos framaçons nas suas lojas; advirta mais, que os socorros, que mutuamente se prestam uns aos outros, ficam sempre em segredo, e que as despesas necessárias ao entretenimento da mesma sociedade são consideráveis, e entretanto, tudo isto lhe sai do produto de sua trabalho e bens próprios, e não da substancia do povo⁶¹.

⁵⁹ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume III. Pág. 270

⁶⁰ Hipólito José da COSTA. **Narrativa da Perseguição**. Brasília, DF. Fundação Assis Chateaubriand, 2001. Pág. 96.

⁶¹ Hipólito José da COSTA. **Narrativa da Perseguição**. Brasília, DF. Fundação Assis Chateaubriand, 2001. Pág. 97.

Transcendendo em muito o socorro mútuo, o conceito de Fraternidade trás a razão da irmandade da grande família maçônica. Nesse sentido, é mantida uma rede internacional de contatos, estabelecendo uma ligação nos mais diferentes países tanto no continente europeu, quanto no continente americano. Os laços internacionais estabelecidos pelas lojas maçônicas foram reivindicados como cruciais para as revoluções que sacudiram o mundo atlântico. De tal modo, o conceito de fraternidade estabelece o reconhecimento dos irmãos maçons, o que possibilita as ações de favorecimento, e de socorro mútuo, que constituem os aspectos mais visados da Ordem. O Amor Fraternal, principal virtude da ordem maçônica, estabelece a melhor compreensão para o conceito de Igualdade, sendo ambos intimamente ligados. Nesse sentido, Hipólito disse: *“Na sociedade maçônica a igualdade, e fraternidade são vocábulos idênticos”*.⁶²

A Igualdade, enquanto virtude maçônica, possuiu inicialmente o sentido de equivalência do foro civil, no qual a servidão e a escravidão deveriam ser combatidas. No sentido sóciopolítico, a igualdade também permitiu a quebra da hierarquia social presente no Antigo Regime. Dentro das lojas maçônicas, a nobreza e o clero não possuíam foro privilegiado, e nesse espaço de sociabilidade seus direitos equivaliam aos do oficial mecânico e do burguês. Apesar de não aceitar os privilégios sociais, dentro das lojas há uma outra hierarquia, proporcionada pela iniciação nos mistérios maçônicos, concebida pela forma de graus. Interessante notar que o recrutamento maçom em sua primeira constituição estabeleceu as preferências, primeiramente pelos homens de ofício, depois, pelos intelectuais, e só então pelos nobres⁶³. Já no começo do século XIX essa lógica iria se alterar, visto a

⁶²Hipólito José da COSTA. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume. VIII. Pág. 641.

⁶³ James ANDERSON. *As constituições de Anderson*. Edição Inglês e Português. Texto em Inglês fac-similar. São Paulo: Editora A Fraternidade, 1982. Pág. 23.

enorme adesão dos nobres às lojas, juntamente com a publicação da constituição maçônica revisada, no qual a preferência para o recrutamento já não se dá pela posição social, mas pela conduta moral do pretendente⁶⁴. Apesar de não ter sido a excelência da preferência maçônica, a nobreza desempenhou um papel de fundamental importância para a defesa e a aceitação da Maçonaria no contexto do Antigo Regime. A proteção que dos nobres foi fundamental para a difusão e sobrevivência da ordem e dos maçons em momentos críticos. Hipólito viveu essa experiência, quando se tornou protegido pelo duque de Sussex em seu exílio na Inglaterra.

Para além da semântica político-social, a igualdade inaugurou uma controversa questão ao pregar a liberdade religiosa, assunto tão polemico nos países tradicionalmente católicos, como o caso de Portugal do final do século XVIII. A tolerância religiosa existente na Maçonaria visa principalmente o fim do fanatismo religioso, que segundo Hipólito: “*tem procurado demolir pelos alicerces a moral, a sociedade, e a religião*”.⁶⁵ Nesse sentido, a Igualdade foi o principal meio de combater o fanatismo, principalmente o religioso, que por anos levou a Europa a guerra.

A luz da igualdade, condicionada pela tolerância religiosa, permitiu que dentro da loja qualquer um que creia em Deus⁶⁶, e que as mais diferentes crenças sejam igualmente respeitadas. Hipólito afirma que: “*Nesta Sociedade existem*

⁶⁴ James ANDERSON. **Anderson's Constitutions, Constitutions d'Anderson 1738**. Texte anglais de l'édition de 1738. Introduction, traduction et notes par Daniel Ligou. Paris: Lauzeray International, 1978. Pág. 14.

⁶⁵ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume VIII. Pág. 638

⁶⁶ **Constituição de Anderson**.

homens de diferentes profissões de fé, muitos sem fé, muitos sem fé alguma. Ela admite o Chistão, o Mouro, o Judeu, o idolatra pagão, &c.”⁶⁷.

A Liberdade para Maçonaria, enquanto virtude da ordem, é mais ampla que o paradigma leigo concebe. A Liberdade é concebida, não apenas em seu aspecto social e político, mas principalmente espiritual. Para um maçom, um homem livre, primeiramente é aquele que não está submetido a um senhor, ou a um vínculo servil. Porém, a Liberdade vai para além disso, sendo uma condição conquistada apenas e somente através da Luz do conhecimento. Ou seja, apenas aqueles que têm o conhecimento, realmente podem ter condições de exercer o livre arbítrio, pois para exercer efetivamente a escolha e o julgamento, é necessário anteriormente, ter se emancipado da ignorância.

Em seu aspecto político Hipólito José da Costa difere bem a liberdade da anarquia, sentido dado à liberdade por acusadores da maçonaria. Para Hipólito a liberdade civil é aquela comungada por Montesquieu, no qual todo o homem possa fazer uso de todos os seus direitos⁶⁸. Esse aspecto difere do sentido dado à liberdade como a ausência de regras ou leis, no qual os opositores da maçonaria condenavam a sociedade maçônica. Nesse sentido, Hipólito responde ao acusador:

Passemos á liberdade. Outro fantasma, que infundido grande terror, mas terror pânico, na vossa atrabiliaria [sic] imaginação. Esta liberdade, como vos a considereis nunca existiu, nem pode existir. Tendes por liberdade o que cada um pode, e quer obrar. Semelhante liberdade só a há pór abstração, considerando o homem no estado da natureza. Este estado não tem existência real. O homem apenas nasce depende do progenitor que lhe deu o ser. Esta dependência derriba pelos alicerces constitutivos dessa imaginada liberdade. Montesquieu, contra o qual vibrais a espada do vosso furor, mostra, em que consiste a liberdade do cidadão. A liberdade, diz ele, é o direito de obrar tudo o que as leis permitem; e se um cidadão obrasse o que elas proíbem, não haveria mais liberdade, porque os outros teriam igualmente este poder⁶⁹.

⁶⁷ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume VIII. Pág. 741

⁶⁸ Hipólito José da Costa conhece bem a obra de Montesquieu, e por diversas vezes o autor cita no Correio Braziliense o filósofo francês. Não obstante em apenas citar, Hipólito também defende veementemente suas teorias. Outra posição assumida por Hipólito é a defesa de Montesquieu frente a Rousseau e Voltaire.

A Liberdade do homem pela luz é uma virtude tão extrema, que sua interpretação conduziu varias ações de personagens maçons, em uma luta tida contra a tirania nas mais diferentes formas. Foi, ao compartilhar desse espírito, que se deram várias ações de grupos maçons, ações de cunho conspiratório ou revolucionário, nas mais diferentes nações dos continentes da Europa e América. E foi por assumir essa virtude, que vários maçons arquitetaram um novo futuro e ao mesmo tempo, não se submetendo mais ao sistema do Antigo Regime.

A Fraternidade, a Igualdade e a Liberdade se completam enquanto sentido último da Maçonaria. Assim, podemos perceber também que a Maçonaria concebe, ao mesmo tempo, uma ambição utópica para esses conceitos. A Fraternidade, a Igualdade e a Liberdade foram conceitos/virtudes aplicados no interior das lojas que deu sentido à organização maçônica em uma dimensão maior, estabelecendo assim um horizonte de expectativa utópico para os maçons. Koselleck observa que a legitimação moral dada pela razão iluminista aos conceitos-virtudes maçônicas, intimamente relacionados com a rede de sociabilidade maçônica permitiu que fosse inaugurado um espaço de crítica ao Antigo Regime. O desdobramento dessas virtudes para a realidade exterior as lojas estabeleceu o fundamento racional e moral que levaria à crise do Antigo Regime.

⁶⁹ Hipólito José da COSTA. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volume VIII. Pág. 641.

Considerações finais.

A maçonaria, segundo Habermas, enquanto esfera privada, autônoma do Estado, e envolta do segredo, fez uso da esfera pública, principalmente por meio da opinião pública para promover suas ações políticas e para promover a defesa de sua moral. O segredo também foi um dos elementos que os maçons compartilhavam, e o seu uso indiscriminado, uniu os maçons em sua participação.

O segredo foi essencial para a forma de sociabilidade que a Maçonaria zelou. Fechada no privado, sob a proteção do secreto, o segredo desempenhou papel fundamental para a proteção dos maçons, em um momento que o Estado despótico monopolizava a esfera pública.

A contribuição da Maçonaria para a formação de uma esfera pública civil foi decisiva, e que a principio, quando submersa no Antigo Regime, estabeleceu uma organização autônoma do Estado, mas que, quando consolidada a crise do Antigo Regime, foi institucionalmente absorvida pela nova esfera pública que acabara de se emancipar.

O segredo, gêmeo histórico do iluminismo, foi essencial para emancipação da nova moral, que em plano racional se legitimava pelo uso virtuoso da razão, no fomento da justiça, e na defesa do homem perante o Estado tirânico que o ameaçava. Segundo Koselleck:

O segredo não implicava planos diretos de revolução, mas dissimula a consequência política dos planos morais que se opõem ao Estado absolutista. Que esta luta contra os males inevitáveis do mundo – os Estados – se realize de maneira despercebida, invisível e silenciosa, eis uma tarefa de “homens dignos”, o segredo, o esoterismo da franco-maçonaria⁷⁰.

⁷⁰ Reinhart KOSELLECK. **Crítica e Crise uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Tradução Luciana Villas – Boas Castelo – Branco. Rio de Janeiro. Editora UERJ – Contraponto, 1999. Pág.81

As virtudes maçônicas conquistaram a esfera pública através de uma batalha moral travada pela opinião pública por meio da imprensa, na qual emanciparam a moral – as próprias virtudes – da religião e do Estado. As virtudes ao atingirem a autonomia do Estado, do qual sempre havia se separado, inauguraram também uma nova esfera pública civil.

Embasado no relato da experiência de Hipólito José da Costa, e sustentado teoricamente pela tese de Habermas e Koselleck, procurei demonstrar como as virtudes maçônicas contribuíram para a elaboração de uma semântica mais ampla de determinados conceitos sociopolíticos, e como esses, quando legitimados e sustentados moralmente pela elite da sociedade, desempenharam papel fundamental para, de um lado, causar a crise do Antigo Regime, e de outro, consolidar uma esfera pública civil.

I. Fontes:

COSTA, Hipólito José da. **Narrativa da Perseguição**. Brasília, DF. Fundação Assis Chateaubriand, 2001.

_____. **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. Volumes III, VI, VIII, IX, X, XVI, XXI.

ANDERSON, James. **As constituições de Anderson**. Edição Inglês e Português. Texto em Inglês fac-similar. São Paulo: Editora A Fraternidade, 1982.

_____. **Anderson's Constitutions, Constitutions d'Anderson 1738**. Texte anglais de l'edition de 1738. Introduction, traduction et notes par Daniel Ligou. Paris: Lauzeray International, 1978.

II. Fontes secundárias – literatura maçônica:

Almanak do Rit.: Esc.: Ant.: e Acc.: em Portugal para o anno de 5845 Lisboa, Typ. de O. R. Ferreira, ed. de António dos Reis e Rodrigo Felner, sd.

ANDERSON, James. **Constituições de Anderson:**
<http://www.masonic.com.br/trabalho/anderson.htm>

DIAS, Miguel Antônio. **Bibliotheca maçônica**, ou instrução completa do franc-maçom. Obra dedicada aos Orientes Lusitano e Brasiliense por um cav.: Rosa-Cruz, Paris, J. P. Aillaud, 1840-1842, VI vols.

Cerimônias da maçonaria simbólica dos Antigos Maçons livres e aceites de Portugal Lisboa, 1881.

Constituição da confederação maçônica portuguesa. Or.: de Lisboa 1850 26 de Dezembro de 1849, 20 p.

Constituição da Maçonaria Escoceza do Oriente Irlandez. Dublin (Lisboa), 1842, 48 p.

Constituição da Maçonaria Portuguesa decretada e sancionada pela Gr.:Dieta da Maç.:Lusit.:ao O.:de Lisboa, aos 30 dias do mez Tisch'ri do anno da V.:L.:5840 [20 de Outubro de 1840] sendo gr.:m.:o Ir.: Senacherib 8º de 83 p.

Constituição do Grande Oriente Lusitano Unido. Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa. Promulgada por decreto de 31 de Dezembro de 1907 [decretada por Francisco Gomes da Silva, Grão-Mestre Adjunto, por impedimento de Sebastião de Magalhães Lima], 2ª Ed. Lisboa, R. do Gremio Lusitano - 35, 1911, 30-II p. B

Constituição do Povo Mac.: Brazil .:Brazil, Pará, 1833, 28 p.

FIGUEIREDO Joaquim G. de. **Dicionário da Maçonaria**. Seus Mistérios, Ritos, Filosofia e História. São Paulo, Ed. Pensamento, 1970.

Novo Guia do Franc-Maçom do Rito Francez, ou Rito Moderno Compilada pelo Ve.:de uma Resp.: OFF.: da odediencia Leiria, 1908 [Maçonaria Azul ou Simbólica].

Novo guia maçônico dos ritos escossez a francez.
Lisboa, 1875.

III. Bibliografia:

ALMEIDA, Paulo Roberto de. *O nascimento do pensamento econômico brasileiro.*

In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário.** Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

ANDERSON, Benedict R. O' G. **Nação e consciência nacional.** Tradução Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Atica, 1989.

ANDERSON, James. **As constituições de Anderson.** Edição Inglês e Português. Texto em Inglês fac-similar. São Paulo: Editora A Fraternidade, 1982.

_____. **Anderson's Constitutions, Constitutions d'Anderson 1738.** Texte anglais de l'edition de 1738. Introduction, traduction et notes par Daniel Ligou. Paris: Lauzeray International, 1978.

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

_____. *Sociabilidade maçônica e Independência do Brasil.* In: **Independência: História e Historiografia.** São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

BARRETO, Célia de Barros. *Ação das Sociedades Secreta.* In: **História Geral da Civilização Brasileira.** Direção Sérgio Buarque de Holanda. O Brasil Monárquico. O processo de Emancipação. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Difel, 1976.

BASTOS, Lúcia Maria. *Pensamentos vagos sobre o Império do Brasil.* In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário.** Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

COSTA, Hipólito José da. **Narrativa da Perseguição**. Brasília, DF: Fundação Assis Chateaubriand, 2001.

COSTA, João Cruz. *As idéias novas*. In: **História Geral da Civilização Brasileira**. Direção Sérgio Buarque de Holanda. O Brasil Monárquico. O processo de Emancipação. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Difel, 1976.

COSTELLA, Antônio F. *Cronologia Pessoal*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CUNHA, Pedro Octávio Carneiro da. *A fundação de um império liberal*. In: **História Geral da Civilização Brasileira**. Direção Sérgio Buarque de Holanda. O Brasil Monárquico. O processo de Emancipação. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Difel, 1976.

DIAS, João José Alves. *A maçonaria em Portugal de 1727 a 1802*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

DINES, Alberto. *Luz e Trevas, Estrangeirados e Inquisição*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FERREIRA, João Pedro Rosa. *Jornalismo e pensamento político*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FILHO, Ivan Alves. *Cronologia Geral*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção de um público*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- GINSBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução. Frederico Cavotti. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.
- HABERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HESPANHA, Antônio Manuel e XAVIER, Ângela Barreto. *As redes clientelares. Arquitetura dos Poderes*. Lisboa. __ 198-
_____. *A representação da sociedade e do Poder. Arquitetura dos Poderes*. Lisboa. __ 198-.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Da Maçonaria ao Positivismo*. In **História Geral da Civilização**. O Brasil Monárquico. 5 Volume. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Difel, 1976.
_____. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Editor José Olympio, 1976.
- JANCSÓ, István e SLEMIAN, Andréa. *Um caso de patriotismo imperial*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise** uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Tradução Luciana Villas – Boas Castelo – Branco. Rio de Janeiro: Editora UERJ – Contraponto, 1999.

- _____. **Futuro Passado** uma contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira, César Benjamin. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2006.
- LAJOLO, Marisa. Leitores brasilienses: *um público rarefeito?* In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- LIMA, Oliveira. *O movimento da Independência*. In: **O Império Brasileiro**. (1821-1889). São Paulo. Edição melhoramentos, 1962.
- MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- MOREL, Marco. *Sociabilidade entre Luzes e Sombras: apontamentos para o estudo histórico das maçonarias da primeira metade do século XIX*. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 28. Ano 2001/2.
- _____. **As transformações dos espaços públicos. Imprensa, Atores políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)**. São Paulo: Hucitec, 2005.
- _____. *Entre estrela e satélite*. In: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Edição Fac-Similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- PESSOA, Fernando. **As origens e essência da maçonaria**. São Paulo: Landy Editora, 2006.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Corcundas e Constitucionais: a cultura política da Independência, 1820-22**. Rio de Janeiro: Faperj. Revan, 2003.
- PAPUS. **Tarô dos Boêmios**. Barra Funda-S.P.: Ícone Editora, 1995.
- PIATIGORSKY, Alexander. **Freemasonry**. Londres: The Harvill Press, 1997.

POCOCK, Jonh Greville Agard. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003.

RODRIGUES, José Honório. **Independência: Revolução e Contra-Revolução. A evolução política**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A, 1975.

VILLALTA, Luiz Carlos. **O império luso-brasileiro e os Brasis. 1789 – 1808**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Reformismo Ilustrado, censura e práticas de leitura: Usos do livro na América Portuguesa**. USP: Tese. 1999.

VARNHAGEN. **História da Independência do Brasil**. Quarta edição: Editora Melhoramentos. 19--.

YATES, Francês A. **Giordano Bruno e a Tradição Hermética**. Tradução Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Ed. Cultrix, 1987.